

A absorção dos excedentes de mão de obra e de capital durante a reconstrução de Paris teve toda sorte de efeitos negativos — como o aumento do deslocamento e da segregação, jornadas de trabalho maiores, aluguéis mais elevados e excesso de pessoas nas moradias —, que muitos na época viam como totalmente patológicos. Entretanto, contemporâneos como Louis Lazare se equivocaram ao atribuir todos esses efeitos à genialidade maléfica de Haussmann. Nisto, é claro, os críticos estavam se envolvendo na prática francesa tradicional (de modo algum já existia de atribuir qualquer sinal ou todos os sinais de patologia às diretrizes e políticas desse Estado era poderoso em geral, e do quanto Haussmann era particularmente influente, requer, portanto, uma análise cuidadosa.

7. O ESTADO

[...] o interesse material da burguesia francesa está entretecido da maneira mais íntima possível justamente com a manutenção dessa máquina estatal extensa e muito capilarizada.
KARL MARX*

Nos meados do século, o Estado francês buscava modernizar suas estruturas e práticas de modo condizente com as necessidades contemporâneas. Isso valia tanto para Paris quanto para a nação. Luís Bonaparte subiu ao poder nos escombros da tentativa de manter essas necessidades do ponto de vista dos trabalhadores e de uma burguesia proletariada. Ele alcançou a presidência da República porque era o único candidato que parecia capaz de impor ordem aos “vermelhos”. E recebeu apoio maciço para reconstruir o Império porque era a única pessoa que parecia capaz de manter essa ordem. Entretanto, o imperador precisava desesperadamente de uma aliança estável de base que o apoiasse (em vez de enxergá-lo apenas como a opção menos ruim) e de um modelo político que lhe assegurasse tanto controle quanto administração efetiva. Luís Bonaparte deu início ao seu governo com um modelo (o qual ele foi pouco a pouco obrigado a abandonar na década de 1860) pautado em um autoritarismo tecnologicamente ordenado, mas de base popular. A imagem que ele usava era a de um grande Exército nacional encabeçado por um líder popular, em que cada pessoa tinha seu lugar em um projeto de desenvolvimento nacional voltado ao benefício coletivo. A forte disciplina imposta pela meritocracia no topo teria de ser compatível com o desejo popular na base. A tarefa da administração era comandar e controlar.

É tentador interpretar a rotatividade de funcionários e políticas durante o Segundo Império como vacilações arbitrárias de um sonhador oportunista cercado de conselheiros venais e ambiciosos. Seguirei o mesmo raciocínio de Gramsci e Adorno, que, de lados opostos do espectro político, viam o Império como uma importante transição no governo e na política franceses que, apesar de todas as

baseadas, contribuiu para aproximar as instituições nacionais das modernas experiências e contradições do capitalismo'. A seguir, vou me concentrar em como essa mudança política ocorreu em Paris e quais foram suas consequências sobre a geografia histórica da cidade.

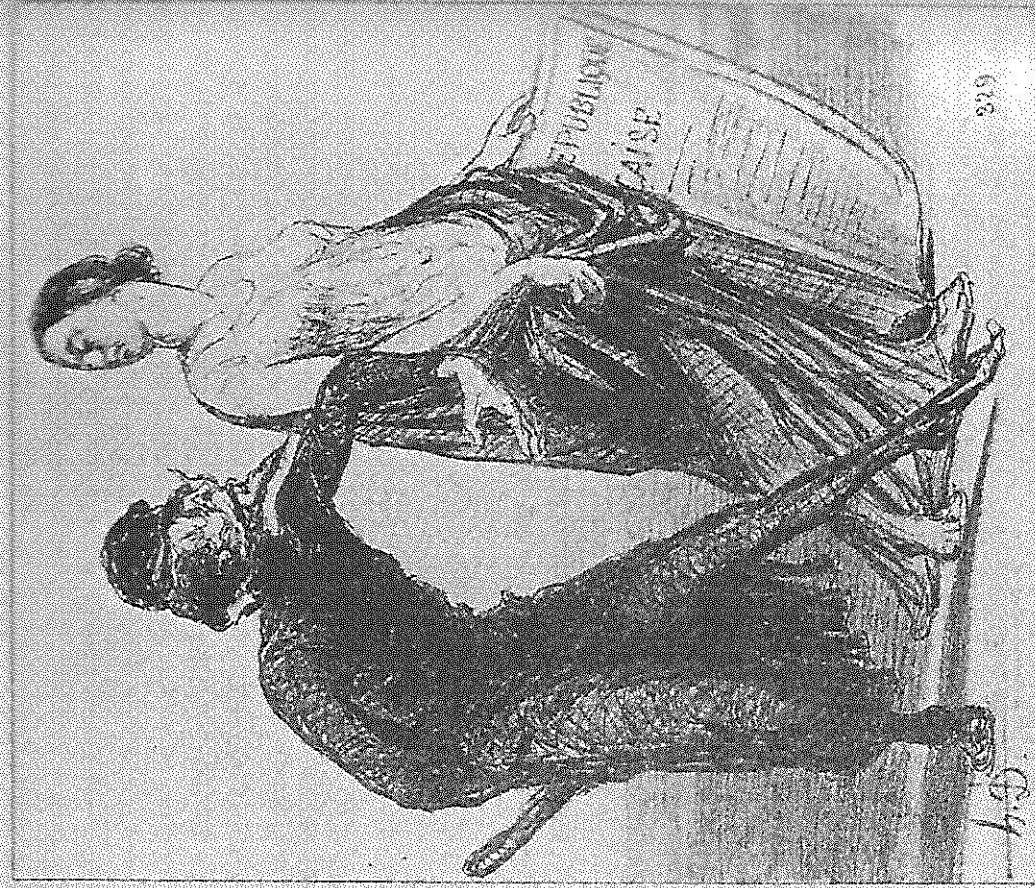
INTERVENÇÕES DO ESTADO NA CIRCULAÇÃO DO CAPITAL

A ideia de "gastos produtivos do Estado" vem da doutrina saint-simoniana livremente aceita pelo imperador e por alguns de seus principais conselheiros, como Fourier, o líder do grupo, e Haussmann. O argumento era que despesas financeiras na dívida não requeriam taxação adicional e não eram um encargo a mais para o cidadão, contanto que os gastos fossem "produtivos" e promovessem o crescimento da atividade econômica, que, a uma alíquota estável de imposto, expandiria naturalmente as rendas do governo para cobrir os juros e os custos da amortização. Obras públicas financiadas pelo Estado como as encarregadas pelo imperador e Haussmann poderiam, pelo menos em tese, ajudar a absorver os excedentes de capital e de força de trabalho e garantir seu pleno emprego contínuo sem nenhum custo para os contribuintes, se produzissem crescimento econômico.

A principal base tributária na qual Haussmann podia confiar era o *octroi* — taxa sobre as mercadorias que entravam em Paris. Contanto que aumentasse essa receita e Haussmann estava disposto a subsidiar e financiar o déficit de qualquer tipo de modernização na cidade. Por exemplo, ele praticamente cedia terra aos construtores, mas, ao regular com rigidez o estilo arquitetônico e os materiais empregados, garantia a expansão das receitas fiscais sobre os materiais de construção que chegavam à cidade. A propósito, foi daí que surgiu a forte predileção de Haussmann por estradas custosas para os ricos.

A história dos métodos escorregadios de financiamento empregados por Haussmann já foi demasiado explorada em outros relatos para ser repetida em detalhes aqui. Em 1870, suas obras custaram cerca de 2,5 bilhões de francos, metade dos quais foi financiada por excedentes do orçamento, subsídios do Estado e revenda

de Antonio Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks* (Londres, Lawrence & Wishart, 1971), p. 413-23; Theodore Zeldin, *The Political System of Napoleon III* (Londres/Nova York, Macmillan/Martin's Press, 1958), e *Emile Ollivier and the Liberal Empire of Napoleon III* (Oxford, Clarendon, 1963). Uma visão mais benigna de Luís Bonaparte pode ser encontrada em *Napoleon III and His Regime*, cit., de David Bagutley, e em *Haussmann*, cit., de Michel Carmona, que parecem fazer parte de uma tendência revisionista que lhe confere maior reconhecimento por suas contribuições. David Pinkney, *Napoleon III and the Rebuilding of Paris*, cit.; Geneviève Massa-Gille, *Histoire des monuments de la ville de Paris*, cit.; Anthony Sutcliffe, *The Autumn of Central Paris*, cit.



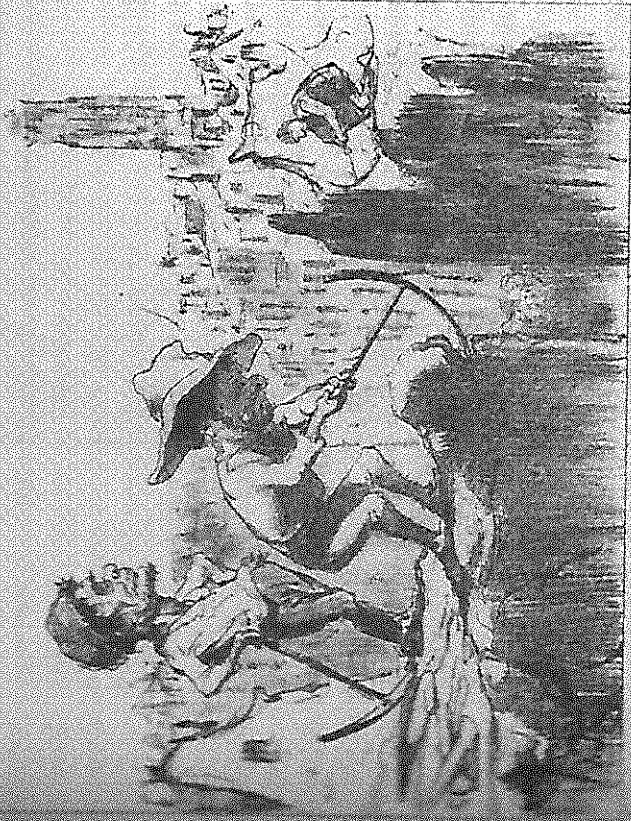
— Belle dame, vous êtes-vous bien accepté nos bras ?

— Votre passion est trop subite pour que je puisse y croire !

FIGURA 50. Desde o início, o problema de Luís Bonaparte em manter uma base popular para seu governo. Aqui, em uma das famosas descrições que fez dele como um personagem oportunista chamado Ratapoil, Daumier o mostra, em 1851, antes do golpe de Estado, tentando seduzir uma relutante França — apresentada, como sempre, na figura feminina da Liberdade. Ela reage a seus avanços dizendo que sua paixão é repentina demais para merecer crédito.

de terras. Ele tomou um empréstimo de 60 milhões mediante subscrição pública direta (uma inovação) em 1855 e ainda pediu mais 130 milhões em 1860, valor que lhe foi finalmente concedido em 1862, quando o *Crédit Mobilier* dos Pécires tomou um quinto dessa quantia. O empréstimo de 270 milhões de francos, anunciado após um intenso debate em 1865, só foi obtido com a ajuda direta do *Crédit Mobilier*. Haussmann precisava de mais 600 milhões, e suas chances de obter outro empréstimo eram escassas. Assim, ele começou a tirar recursos do Fundo de Obras Públicas, que funcionava como uma dívida flutuante, independente do orçamento da Prefeitura, cujo propósito era o de simplificar as receitas e os gastos ligados a obras públicas que demoravam muito tempo para serem concluídas. Os encargos de edificação eram normalmente pagos pelo construtor, depois reembolsado pela Prefeitura em até oito parcelas anuais (incluindo os juros) após a finalização do projeto. Como o construtor tinha de levantar o capital, esse era na verdade um empréstimo de curto prazo à Prefeitura. Em 1863, alguns construtores enfrentaram dificuldades financeiras e exigiram pagamento imediato sobre projetos parciais já finalizados. A Prefeitura recorreu ao *Crédit Foncier*, que, diante da insistência do imperador, emprestou o dinheiro sob a garantia de uma carta da Prefeitura aos construtores, estabelecendo a data esperada de conclusão do projeto e o cronograma de pagamentos. Na verdade, Haussmann estava pedindo dinheiro emprestado ao *Crédit Foncier* por intermédio de terceiros. E tudo isso podia ser ocultado pelo Fundo de Obras Públicas, que não era aberto a escrutínio público. Em 1864, Haussmann havia levantado quase meio bilhão de francos dessa maneira.

Dada a associação de Haussmann com os Pécires e o *Crédit Mobilier*, surpreende que suas falcatruas só tenham começado a ser reveladas em 1867, quando Léon Say, economista de convicções liberais (leia-se, de livre mercado) e primo dos Rothschilds, Isso deu muita munição para os que se opunham ao Império. *Comptes fantastiques d'Haussmann* [Contas fantásticas de Haussmann], de Jules Ferry, expôs todo o processo e, além disso, caiu nas mãos da imprensa, causando grande impacto em 1868. Não há dúvida de que uma burguesia conservadora do ponto de vista fiscal, sem imaginação e politicamente motivada desempregou um papel fundamental na demissão de Haussmann. Mas aqui havia um problema muito mais profundo, originado da forma como o Estado estava envolvido na circulação do capital. Entre 1853 e 1870, a dívida da Prefeitura havia aumentado de 163 milhões para 2,5 bilhões de francos e, em 1870, os encargos de dívida acompanhavam 44,14% de seu orçamento³. Assim, as finanças da cidade tornaram-se incrivelmente vulneráveis a todos os choques, tribulações e incertezas ligados à circulação do capital portador de juros. Longe de controlar o futuro de Paris, o Estado mais de estabilizar a economia, “o próprio Haussmann havia sido dominado por uma máquina que ele e seu governante imperial haviam criado”. Surcliffe ainda con-



33. O processo de Haussmann e a hierarquia social. Esquerda: insular em habiton pour le bourgeois!

34. A partir do momento em que as demolições de fato começaram, os trabalhadores da cidade podiam ser encontrados por toda parte. Aqui, Daumier mostra dois proletários especulando com o preço de subir de balão para demolit-la.

Haussmann teve a sorte de sair do poder devido a questões políticas nacionais, e não a uma estrutura financeira municipal sobrecarregada “não sobreviveria às reper-

tações da depressão internacional da década de 1870”.³ No caso, como em outros tempos e lugares (Nova York, na década de 1970, e, mais recentemente), o aparato do Estado se propôs a resolver os grandes problemas de especulação mediante financiamento do déficit de seus próprios gastos e não sendo vítima das traiçoeiras contradições da circulação do capital financeiro. O fato, o destino de Haussmann se assemelha ao dos Pécires em um sentido. Em outros aspectos, o imperador e seus conselheiros modernizaram o Estado

³ Jules Ferry, *Comptes fantastiques d'Haussmann* (Paris, Armand Le Chevalier, 1868), é o texto fundamental. Ver também Anthony Sutcliffe, *The Autumn of Central Paris*, cit., p. 42.

na direção das contradições generalizadas das finanças capitalistas contemporâneas, colocando-o à mercê dos mercados financeiros, e voltaram as consequências aliadas (como fizeram muitos outros Estados desde então).

A GESTÃO DA FORÇA DE TRABALHO

“Eu preferiria enfrentar um Exército hostil de 200 mil homens”, disse o imperador “à ameaça de insurreição causada pelo desemprego”. Na medida em que a Revolução de 1848 fora feita e desfeita em Paris, a questão do pleno emprego na capital era premente. O ritmo acelerado das obras públicas resolvera apenas parte do problema.

Não se viam mais bandos de insurgentes perambulando pelas ruas da cidade, mas grupos de pedreiros, carpinteiros e outros artesãos indo para o trabalho; as pedreiras estavam mais sendo amontoadas a fim de erguer barricadas, mas de abrir caminhos para encanamentos de água e gás; as casas não eram mais ameaçadas por incêndio criminoso ou fogo, mas pela rica indenização da expropriação.⁴

Em meados da década de 1860, mais de um quinto da população trabalhadora de Paris estava empregado na construção. Esse feito extraordinário tinha dois pontos vulneráveis. Em primeiro lugar, como disse Nassau Senior, “a interrupção de uma semana no setor da construção aterrorizaria o governo”. Em segundo, o caráter dos gastos produtivos, que parecia infundável, colocou uma carga de dívidas pesada no trabalho futuro que condenou grande parte da população ao desemprego econômico incessante e ao trabalho perpétuo. Quando as obras públicas atravessam, o que passou a acontecer por razões políticas e econômicas após 1848, a queda nas receitas dos impostos e o desemprego no setor da construção tornam-se um problema muito grave. O número desproporcional de trabalhadores do setor da construção que participaram da Comuna sugere que esse fato teve um efeito radicalizador sobre eles, que, ao contrário da opinião burguesa, não tinham modo algum tão avessos a Haussmann, como em geral se pensava — o prefeito era sua principal fonte de emprego, e eles sabiam disso.⁵

O Estado ainda tinha alguns outros recursos para estimular o comércio. O esplendor imperial exigia que o Exército tivesse novos uniformes e que se estab-

lessem códigos de vestuário na corte; a moda da época tornou-se algo obrigatório para garantir o status e a reputação em toda a cidade. De 1852 até o fim da década de 1870, o estímulo para o comércio têxtil foi imenso. No entanto, nem todos os residentes de mau de obra podiam ser absorvidos por medidas desse tipo. Havia muitos milhares de trabalhadores em toda a França que inundavam Paris, em especial na década de 1850, o que em parte se deveu às oportunidades de emprego criadas em obras públicas. Assim, embora o índice de indigência (indicador aproximado do presente de mão de obra) tenha caído de 1 em cada 16,1 habitantes para 1 em cada 3,3 entre 1853 e 1862, o número absoluto de indigentes não declinou em momento algum, ao passo que o índice em si subiu novamente para 1 em 16,9 em 1869.

A política de Haussmann com relação a esse exército maciço de reserva industrial levou por uma evolução interessante. As tradições do século XVIII, segundo as quais a assistência municipal era um direito e a Prefeitura tinha o dever de alimentar os pobres (até os das províncias), foram pouco a pouco abandonadas. Haussmann descobriu por uma política neo-malthusiana mais moderna. Na verdade, dadas as pressões sobre o orçamento da Prefeitura, a dimensão do problema do bem-estar e modificações nas formas de financiamento, ele provavelmente não teve muita escolha. Haussmann defendia que a cidade cumpriria melhor seu dever proporcionando empregos, não assistência social, e que se ela se encarregasse de gerar postos de trabalho poderia diminuir de maneira razoável sua obrigação de fornecer assistência. Entretanto, se apesar da geração de empregos a pobreza continuasse a existir, a culpa recaía sobre a assistência do Estado. É claro que esse é um argumento com o qual continuamos a nos familiarizar; ele foi fundamental para a reforma do sistema previdenciário nos Estados Unidos quanto na Grã-Bretanha na década de 1990. Em 1870, o mesmo apelo do aparato estatal em Paris acerca de suas responsabilidades em relação à pobreza, aos doentes e aos idosos era muito diferente daquela de 1848. Gaillard sugere que essa mudança de atitude administrativa com relação ao bem-estar social, a intervenção médica, ao ensino etc. tenha contribuído para a sensação de perda de controle e de comunidade que está na raiz dos levantes sociais de 1868 a 1871. O resultado de essas políticas tão neo-malthusianas terem provocado tal reação popular não é evidente. A Comuna certamente buscou restabelecer esses direitos, e até mesmo Haussmann, que tentava fortalecer o apoio para um regime em dificuldades, se viu obrigado a prestar cada vez mais atenção a questões de bem-estar social, pois o desemprego estava aumentando e o Império se esforçava para fazer jus à sua propaganda de provia bem-estar social e uma rede de segurança do berço ao túmulo.

⁴ Albert Thomas, *Le Second Empire, 1852-1870* (Paris, J. Rouff et Cie, [1907]), p. 65.

⁵ David Pinkney, *Napoleon III and the Rebuilding of Paris*, cit., p. 178; as implicações do fim do trabalho de construção são examinadas em David Harvey, *Os limites do capital*, cit., p. 353-7.

⁶ Jacques Rougerie, *Procès des communards* (Paris, Julliard, 1965), p. 129-34.

Hausmann adotou princípios similares com respeito ao preço das provisões. Quando este subia em demasia, protestos sociais geralmente provocavam um aumento do subsídio estatal. Mas Hausmann acreditava no livre mercado, pelo menos para as classes trabalhadora e média. Se a flutuação de preço ligada à variabilidade das colheitas causasse dificuldades, a resposta estava em um fundo rotativo que poderia ou acoingueiros alimentavam quando o preço dos suprimentos estava baixo, o qual retiravam recursos quando os valores subiam. O ônus disso para o orçamento da Prefeitura era irrisório, e a estabilidade dos preços foi alcançada. Desse modo, Hausmann foi pioneiro em esquemas desse tipo para a estabilização do valor das mercadorias, que se tornaram comuns na década de 1930. Mas ele preferiu atuar mão delés, abandonando-os por completo quando o liberalismo de livre mercado passou ao centro da política governamental, após 1860. Nessa época, a eliminação das barreiras espaciais e a disponibilidade de importações de várias fontes já haviam extinguido a vulnerabilidade do abastecimento alimentar de Paris às condições internacionais de colheita. Aliadas a uma melhora na distribuição interna, elas trouxeram maior segurança ao suprimento alimentício da cidade.

Embora nenhum princípio orientador simples tenha sido estabelecido na administração do imensamente complicado maquinário do bem-estar social da cidade, os instintos de Hausmann o conduziram em duas direções muito modernas que foram, à primeira vista, um tanto incompatíveis com o autoritarismo centralizado do Império. Em primeiro lugar, ele procurou privatizar todas as funções do bem-estar que pôde (como é o caso da educação, na qual, segundo sua concepção, o papel do Estado estava restrito apenas à escolarização de indigentes). Em segundo lugar, buscou uma descentralização controlada para dar ênfase à responsabilidade à iniciativa locais. A dispersão da carga do bem-estar social de Paris às províncias e descentralização da responsabilidade pela saúde pública, a educação e a assistência aos pobres para os *arrondissements* se ajustavam a um esquema administrativo que embora não abandonasse de modo algum a hierarquia, conectava a expectativa de serviço à capacidade local de pagar por ele. Com os *arrondissements*, portanto, a Prefeitura deixou de ser o centro institucional ao qual os carentes de serviços de bem-estar recorriam para satisfazer suas necessidades.

VIGILÂNCIA E CONTROLE

O Segundo Império era um Estado policial autoritário, e sua inclinação para vigilância e o controle se estendia por toda parte. Além da ação policial direta e uso de informantes, espíões e assédios legais, as autoridades imperiais procuravam controlar o fluxo de informações, investiam pesado em propaganda e lançavam

uma rede de poderes e favores políticos para cooptar e controlar tanto aliados quanto adversários. O sistema funcionava bem na França rural, mas era mais difícil de aplicar no ambiente urbano de Paris. A cidade apresentava problemas graves, por um lado devido à sua tradição revolucionária, por outro devido ao seu próprio tamanho e às suas características labirínticas. Embora Hausmann e o chefe de polícia (que estavam frequentemente em desacordo sobre questões jurisdicionais) fossem as principais forças de vigilância e controle, vários departamentos governamentais (Interno, Justiça etc.) estavam também envolvidos. E as leis eram moldadas de acordo com esse contexto. A censura da imprensa foi reimposta durante a Segunda República sob o pretexto de "todas as publicações republicanas foram proibidas", comentou ironicamente um visitante inglês, "e só eram permitidas as que representassem as facções da aristocracia, legitimistas ou bonapartistas". O Império, mediante leis para a imprensa, apenas enduceu o que o "Partido da Ordem" republicano já havia imposto, estipulando uma lei de 1853, até cantores e artistas de rua, vistos pelas autoridades como disseminadores de canções e cenas de socialismo e subversão, precisavam ter licenças para se apresentar, e suas canções tinham de ser aprovadas pelo prefeito. O partido político da cultura popular foi extirpado das ruas, assim como muitos dos próprios artistas. Mas a frequência com que contemporâneos (como Victor Segalen) se deparavam com tais personagens e com que Daumier, por exemplo, os retratou como tema sugere que as autoridades jamais conseguiram eliminar totalmente esse aspecto da cultura popular.¹⁰

A polícia (à qual os trabalhadores sempre se referiam como espíões) era muito mais dedicada a coletar informações e fazer relatórios ao menor sinal de oposição do que a controlar a atividade criminal. Embora tenha conseguido instilar bastante temor, não parece ter sido muito eficiente em seu trabalho, mesmo depois de passar por uma importante reorganização administrativa em 1854. O medo não ajudou à ampla rede de potenciais informantes. "A polícia está organizada como as oficinas quanto nas cidades", escreveu Proudhon; "não há mais confiança nos trabalhadores, não há mais comunicação. As paredes têm ouvidos".¹¹ As ruas eram mantidas sob estrita vigilância, os registros dos que ali viviam e de suas vindas eram regularmente inspecionados, e os porteiros com frequência

¹⁰ Jean Théodore Zeldin, *The Political System of Napoleon III*, cit.

¹¹ See John, *Purple Tints of Paris* (Londres, Riker, Thome and Co., 1854), p. 25.

¹² E. J. Clack, *The Absolute Bourgeois*, cit., p. 121; Adrian Rifkin, "Cultural Movements and the Paris Commune", *Art History*, Londres, Association of Art Historians, n. 2, 1979, p. 210-22. Os relatos de Victor Fournel em *Ce qu'on voit dans les rues de Paris*, cit., e *Paris nouveau et Paris future*, cit., são muito ricos em detalhes sobre a vida na rua.

¹³ Howard Payne, *The Police State of Louis Napoleon Bonaparte* (Seattle, University of Washington Press, 1966); Albert Thomas, *Le Second Empire*, cit., p. 174.

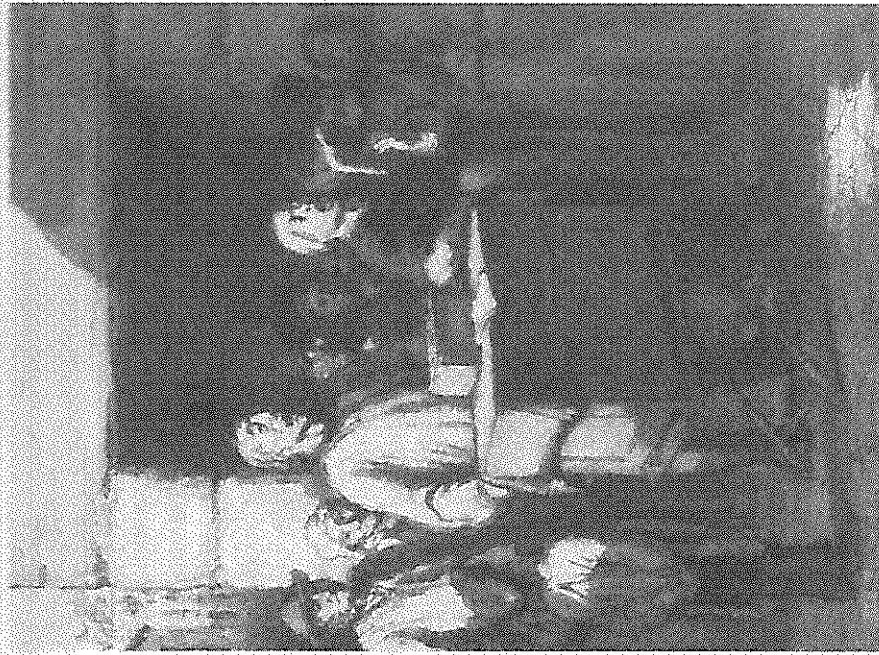


FIGURA 52: Os artistas de rua eram um elemento fundamental na vida parisiense, mas controlá-los e impedi-los de fazer qualquer pronunciamento político provou-se difícil. Esta representação de músicos de rua em ação traz Daumier em um de seus melhores momentos.

estavam ligados à rede de informantes da polícia. Quando o imperador derrubou o direito à associação, coalizão e reunião (juntamente com o direito à greve) dos trabalhadores em 1852, substituiu-o por um sistema de *conseils de prud'hommes* (conselhos de funcionários e empregadores para a resolução de disputas em seu setor) e associações de ajuda mútua para os trabalhadores. Para evitar que ambas tornassem focos de socialismo, o imperador nomeava os delegados administrativos (em geral, indicados pelo chefe de polícia), que apresentavam relatórios regulares. Um sistema de controle similar foi estabelecido quando o direito à realização de reuniões públicas foi finalmente concedido em 1868 — “assessores” com poder para monitorar e encerrar reuniões excessivamente “póliticas” eram nomeados e ibm-

edias a preencher extensos relatórios. O sistema de propaganda não era menos controlado¹³. Fluxos controlados de notícias e informações da imprensa oficial e secundária, todos os tipos de pronunciamentos e ações administrativas (muitas delas sob a responsabilidade direta do prefeito) visavam a convencer as classes populares de méritos daqueles que estavam no poder (principalmente os do imperador e da sua família). Era como se obras de caridade, bailes, exposições e festas com patrocínio oficial compensassem a perda da liberdade individual.

Had sistema tinha seus limites. É difícil manter a vigilância e o controle em uma economia na qual a circulação do capital tem passe livre e em que a competição e o progresso técnico andam lado a lado, estimulando todo tipo de movimentos e inovações culturais. A facilidade de Bruxelas para difundir informações por toda a Europa transformou-a em um centro importante de publicações críticas; e era difícil se não impossível, deter seu fluxo até a França. Os dilemas da censura à imprensa ilustram o problema. A imprensa parisiense cresceu de uma circulação de 170 mil publicações em 1852 para mais de 1 milhão em 1870¹⁴. Embora fortemente dominados pelos novos interesses monetários, os jornais e revistas eram voluntariamente diversos para criar controvérsias que podiam afetar as políticas do governo. Quando Say atacava as finanças de Haussmann em nome da prudência fiscal, corria a autoridade do imperador. Oponentes republicanos como Jules Ferry puderam, de modo oportunista, fazer o mesmo. E a censura não estava apenas confinada à política; ela também lidava com a moralidade pública. A maioria das críticas rejeitadas pelas autoridades era mais obscena do que política¹⁴, e o governo se enredou em todo tipo de confusão nas perseguições a Baudelaire, Flaubert e outros por indecência pública. O efeito disso foi a corrosão da aliança de classe, que devia ter sido a base real do poder do imperador. Em resumo, nesse aspecto o sistema político era mal adaptado ao capitalismo florescente. Como o Segundo Império se fundava em um projeto capitalista para o progresso social, a passagem para o Império Liberal estava, como insiste Zeldin, presente em sua própria base¹⁵.

Ao mesmo tempo, as mesmas dificuldades surgiram com as tentativas de controlar as classes populares. A propaganda dos méritos do imperador tinha de se basear em outra coisa além da caridade. A fórmula de “festas e pão” funcionou bem quanto às festas, mas as classes trabalhadoras realmente adoravam, mas nem tanto quanto ao pão.

¹³ Jean Dalotel, Alain Faure e Jean-Claude Freiermuth, *Aux origines de la Commune: le mouvement des réunions publiques à Paris, 1868-1870* (Paris, Maspéro, 1980); David Kulstein, *Napoleon III and the Working Class*, cit.

¹⁴ Roger Bellet, *Presse et journalisme sous le Second Empire* (Paris, Armand Colin, 1967).

¹⁵ Alan Rifkin, “Cultural Movements and the Paris Commune”, cit.

¹⁶ Theodor Zeldin, *The Political System of Napoleon III*, cit., e *Émile Ollivier and the Liberal Empire of Napoleon III*, cit.

A queda dos salários reais na década de 1860 gerou parólicas das alegações de progresso social e fez as festas parecerem extravagâncias macabras, montadas à custa da classe trabalhadora. Como, então, o imperador poderia fazer jus à sua retórica de que não era um mero instrumento da burguesia? Sua tática foi a de tentar cooptar os trabalhadores de Paris ao lhes conceder o direito à greve (1864) e à realização de reuniões públicas e associações (1868). Ele inclusive chegou a estimular formas novas de ação. Assim, o ramo francês da Associação Internacional dos Trabalhadores surgiu da visita dos trabalhadores, patrocinada pelo governo, à Exposição de Londres de 1862 (provocando a suspeita natural de que ela fosse um mero instrumento do Império). E, embora a cultura popular estivesse em estado de aparente indiferença devido a anos de repressão, uma corrente subterrânea de retórica política veio rapidamente à tona assim que ocorreu a abertura, em 1868¹⁶.

A transformação urbana também teve efeitos ambivalentes sobre o poder de vigilância e controle. Inúmeros esconderijos, becos e ruas estreitas, propícios a barricadas, foram varridos e substituídos por bulevares, muito mais fáceis de controlar. Foi a população desabrigada, que fora dispersada do centro e cujo número aumentou devido à afluência de imigrantes, perambulava por áreas novas como Belleville e Lebelvins, que se tornaram seu domínio exclusivo. Os trabalhadores deixaram de ser uma ameaça organizada, mas monitorá-los também ficou mais difícil. Por isso, as técnicas e a geografia da luta de classes sofreram uma mudança radical.

A MOLDAGEM DOS ESPAÇOS DE REPRODUÇÃO SOCIAL

No espaço do poder, o poder não aparece como tal; ele se dissimula sob a organização do espaço.¹⁷ Haussmann entendeu claramente que seu poder para moldar o espaço também lhe permitia influenciar os processos de reprodução social. Seu desejo evidente de livrar Paris tanto da base industrial quanto da classe trabalhadora, e assim transformá-la, presumivelmente, em um bastião não revolucionário de apoio à ordem burguesa, era uma tarefa grande demais para ser concluída em uma só geração (na verdade, ela só foi finalmente concretizada nos últimos anos do século XX). No entanto, Haussmann pressionou a indústria pesada, a indústria po-

¹⁶ Claude Anihime Corbon, *La secret du peuple de Paris* (Paris, Pagnere, 1863), p. 93; Georges Duvaux, *La vie ouvrière en France sous le Second Empire* (Paris, Gallimard, 1946); Adrian Rifkin, "Cultural Movements and the Paris Commune", cit.; Jacques Rancière e Patrick Vauday, "Going to the Expo: The Worker, His Wife and Machines", em Adrian Rifkin e Roger Thomas (orgs.), *Workers of the People* (Londres/Nova York, Routledge/Kegan Paul, 1988).

¹⁷ Henri Lefebvre, *La production de l'espace* (Paris, Anthropos, 1974), p. 370.

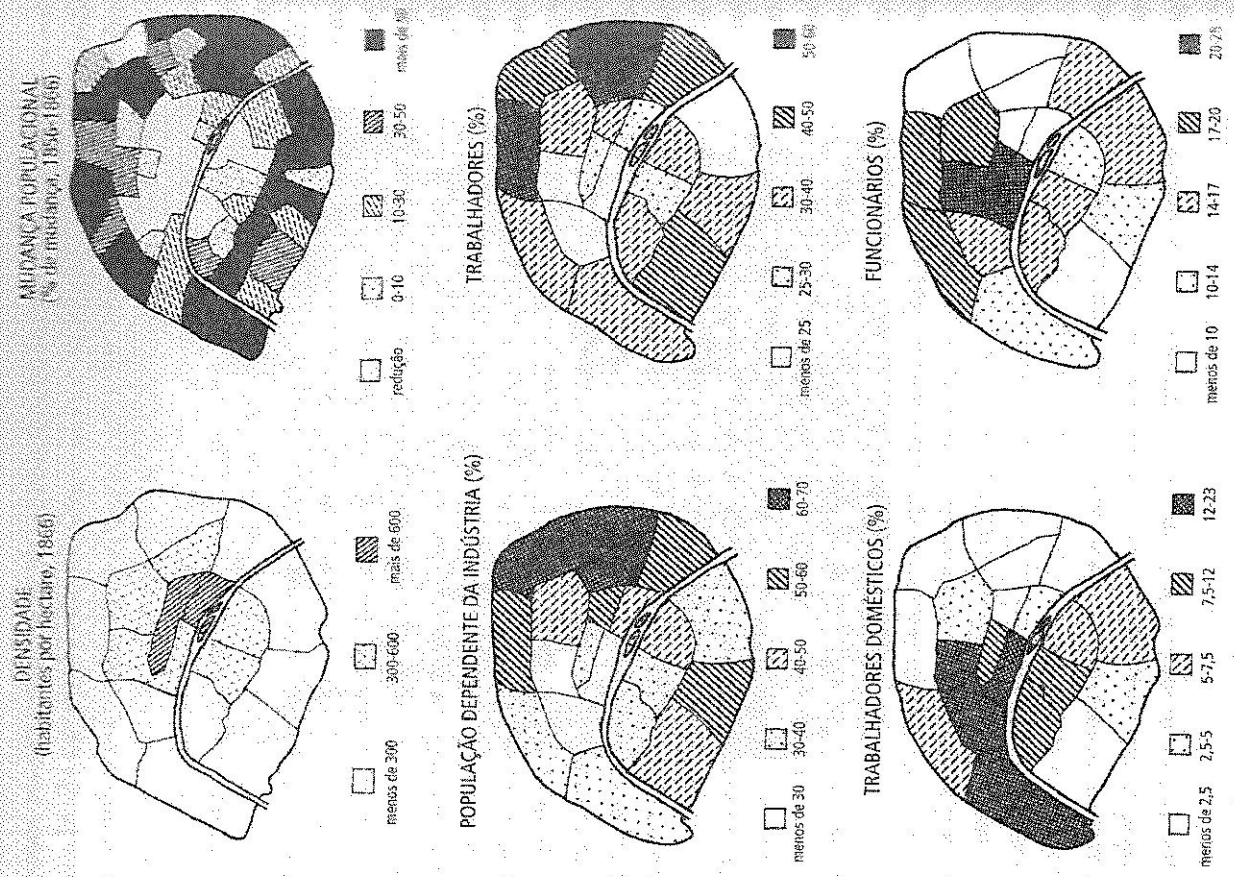


FIGURA 53: Densidade populacional em 1866 e mudança populacional em Paris entre 1856-1866 (segundo Louis Girard, *Nouvelle histoire de Paris*, cit.; e Elsie Carfagna-Angandotto e Roger-Henri Guernand, *La répartition de la population: les conditions de logement des classes ouvrières à Paris au 19e siècle*, Paris, *Centre de Sociologie Urbaine*, 1976) e distribuição da população por arrendissement entre trabalhadores, funcionários, trabalhadores domésticos e dependentes da indústria em Paris em 1866 (segundo Louis Chevalier, *La formation de la population parisienne au XIXème siècle*, cit.).

lente e até mesmo a indústria leve a ponto de a desindustrialização de grande parte do centro da cidade ser um fato concreto em 1870. E grande parte da classe trabalhadora foi afastada junto com ela, embora não para tão longe quanto Haussmann desejava (Figura 53). O centro de Paris foi entregue a representações monumentais do poder e da administração imperiais, as finanças, ao comércio e aos serviços em uma sensação que surgiam em torno do florescente mercado turístico. Os novos bulevar não só facilitavam o controle militar, mas também permitiam (quando iluminados a gás e patrulhados de maneira adequada) a circulação livre da burguesia nos bairros comerciais e de entretenimento. A transição para uma forma "extrovertida" de urbanismo, com todos os seus efeitos sociais e culturais, estava assegurada (a questão não é propriamente a do aumento no consumo, embora isso de fato tenha acontecido, mas da exacerbção de suas qualidades conspícuas para que todos as vissem). E a crescente segregação residencial não só protegia a burguesia dos riscos reais ou imaginados das classes perigosas e criminosas, como também moldava cada vez mais a cidade em espaços relativamente seguros de reprodução das diferentes classes sociais. Para esses fins, Haussmann demonstrou uma notável capacidade de orquestrar diversos processos sociais, por meio de poderes de regulação e planejamento e pelo domínio da geografia dos efeitos *spillover* (nos quais um investimento aumenta o valor de outro), com o objetivo de remodelar a geografia da cidade.

Nem sempre Haussmann alcançou os resultados almejados, em parte porque os processos coletivos que ele procurou articular conduziram as questões em uma direção totalmente diferente (isso aconteceu com a produção industrial, como veremos mais adiante). Mas, desde o início, seu projeto era também político, o que automaticamente estimulou o surgimento de contraprojetos, não apenas na classe trabalhadora, como também entre diferentes facções da burguesia. Por essa razão, Michel Chevalier (o economista preferido do imperador) foi contra livrar a cidade de Haussmann a fechasse, Louis Lazare usou a influência *Revue Municipale* [Revue Municipal] não somente para execrar as especulações dos Péreires, mas também para criticar as obras de Haussmann pela maneira como enfatizavam as divisões sociais geográficas entre "a velha Paris, a Paris do luxo", e "a nova Paris, aquela da população — certamente uma incitação, segundo ele, à revolta social. Posteriormente, escreveu livros denunciando os efeitos sociais das intervenções de Haussmann, mas, na época em que foram publicados, este já não estava mais no poder. Haussmann (e o imperador) teve de buscar uma coalizão de interesses em meio a vozes tão beligerantes

A BUSCA DE UMA ALIANÇA DE CLASSE

Em favor de qualquer prefeito cultivar e consolidar apoio político para o governo que estava no poder. Como não havia nenhum partido político por trás dele e nenhuma aliança de classe natural à qual pudesse recorrer, Luís Bonaparte tinha de encontrar uma base social mais profunda para governar do que um mero sobrenome e o apoio do Exército¹⁸. Haussmann precisava auxiliá-lo a engendrar algum tipo de aliança de classe dentro de uma cidade politicamente hostil e, assim, proporcionar uma base melhor ao poder imperial e, por extensão, ao seu próprio poder. O drama de sua queda tende a ocultar o quão bem-sucedido Haussmann de fato foi nesse sentido, ainda mais num contexto de configurações movediças de classes e abaladas pelo rápido crescimento urbano e pela acumulação de capital e conturbada modernização — condições propensas a despertar "descontentamento cego, inatas implacáveis e animosidades políticas". Apesar disso, como peça central em uma nova "máquina de crescimento", ele podia distribuir inúmeras benesses, em torno de quais todos os tipos de interesses poderiam se congregam. O problema, evidentemente, é que, quando a fonte seca, os interesses se deslocam para outro lugar. Além disso, como Marx observou com frequência, o burguês está sempre "inclinado a satisfazer o interesse geral de sua classe em favor deste ou daquele motivo privado"¹⁹ — comprometimento com o qual Haussmann concordava, queixando-se em suas *Mémoires* da "presidência do privatismo sobre o interesse público". Na ausência de um partido político poderoso ou de qualquer outro meio para cultivar apoio por intermédio de aliança com alguma classe dominante, Haussmann sempre esteve vulnerável a situações abruptas em nome de interesses materiais mesquinhos²⁰. Desse ponto de vista, seus dividosos métodos de financiamento têm de ser entendidos como uma tentativa desesperada de manter a fonte correndo para preservar o seu poder.

A relação de Haussmann com a classe dos proprietários foi sempre difícil, pois ela visava mais ampla da estruturação espacial não se limitava ao que era definido apenas pelos estreitos direitos da propriedade privada. E a própria classe dos proprietários estava fragmentada entre feudais e modernos, grandes e pequenos, centrais e periféricos. Mas Gaillard está provavelmente certa ao perceber "o progressivo estabelecimento da aliança entre o Império e os proprietários parisienses"²¹. Isso, porém, teve tanto a ver com a mudança no significado da posse de propriedade quanto com qualquer adaptação fundamental por parte do governo. Seja como for,

¹⁸ Este é o ponto de partida de Karl Marx em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, cit. (Berlim, p. 106. (N. E.)

¹⁹ Georges-Eugène Haussmann, *Mémoires du Baron Haussmann*, cit., v. 2, p. 371.

²⁰ Jean Gaillard, *Paris: la ville*, cit., p. 136.

¹⁸ Louis Lazare, *Les quartiers pauvres de Paris* (Paris, Bureau de la Bibliothèque Municipale, 1863).

¹⁹ *Les quartiers pauvres de Paris: le XXème arrondissement* (Paris, Bureau de la Bibliothèque Municipale, 1870).

os proprietários imobiliários de qualquer tipo seriam provavelmente os primeiros a traírem interesses de classe por um pequeno ganho privado. A aliança de Haussmann com os Péreires foi, enquanto durou, extremamente poderosa, mas o capital financeiro também estava em transição. A queda dos Péreires e a ascensão do conservadorismo fiscal nos círculos financeiros minaram, no final da década de 1860, o que antes fora um sólido pilar de apoio. Lembre-se: foi um protagonista Rothschild quem primeiro atacou os métodos de financiamento do prefeito. E, mesmo tempo, as relações de Haussmann com os interesses industriais foram, a pior, de tal forma que, ao fim do Império, eles estavam firmemente contra o que de fato colheu o que plantou em sua luta para livrar a cidade da indústria, embora tivessem sido muito favorecidos pelo que Haussmann fez: os interesses comerciais eram por natureza pragmáticos; tiraram proveito do que puderam em troca não demonstraram um apoio veemente. Sua relação com os trabalhadores é a mais curiosa de todas. Estes conquistaram sua eterna ira e metem-se ao votarem de forma maciça, desde 1857, nos republicanos²². E ele tentou cultivar qualquer base populista. Entretanto, o surpreendente é que poucos levantes de trabalhadores foram dirigidos a Haussmann nos tumultuados anos de 1868-1870, e sua demissão foi recebida com tristeza e manifestações nos locais de construção. Como o grande provedor de empregos, ele havia evidentemente conquistado a lealdade de pelo menos parte da classe trabalhadora. E, se havia problemas com altos alugueis, os trabalhadores bem sabiam que eram os proprietários que estavam embolsando o dinheiro, e não Haussmann.

Havia fontes mais profundas de descontentamento que dificultavam a manutenção de uma aliança de classe estável na cidade. A própria transformação (em trabalho) diante do fim da “velha Paris” e contribuiu para a sensação geral de perda de comunidade, que Gaillard tanto destaca²³. As velhas tradições e estruturas haviam sido reviradas. Ciente disso, Haussmann fundou instituições para reunir, catalogar e registrar o que estava sendo perdido. A Bibliothèque Historique de la Ville de Paris foi criada, e Marville foi encarregado de registrar as mudanças na paisagem urbana. Mas nada emergiu de forma clara para substituir o que fora perdido. O fato de que não se estabeleceu uma forma de governo municipal por meio do voto certamente foi nocivo. Afinal, Haussmann se recusava a ver Paris como uma comunidade no sentido mais usual da palavra e a tratou como uma capital para a qual e da qual todos os tipos de interesses e indivíduos diferentes, variados “nômades” iam e vinham, o que impediu a formação de qualquer senso de comu-

idade sólida e permanente. Por isso, era vital que Paris fosse administrada para e pelo Estado, e, com esse objetivo em mente, ele promoveu e defendeu a Lei Orgânica de 1855, que outorgava todos os reais poderes administrativos a um prefeito eleito, e não a representantes eleitos. Haussmann podia estar certo com respeito a habilidades transitórias da comunidade parisiense, mas a recusa da soberania sobre a capital era uma questão candente que levou muitos trabalhadores e políticos a apoiar a “Comuna”. Desse ponto de vista, o fracasso de Haussmann em alcançar uma aliança de classe permanente tinha menos a ver com suas ações que com seus métodos para efetivá-las. Mas, por outro lado, o estilo autoritário de administração também estava intimamente ligado às circunstâncias que deram origem ao golpe de Estado. Portanto, é lógico que ele não poderia sobreviver fora do contexto para o Império liberal.

A importante figura de Haussmann dominou o aparato do Estado de Paris durante todo o Segundo Império. Dizer que ele simplesmente surfou sobre a tempestade de forças sociais desencadeada pela rápida acumulação do capital não implica que algum diminuir sua grandeza, pois ele o fez com enorme talento e orquestrou um turbulento poder com notável habilidade e visão por cerca de dezesseis anos. Entretanto, foi uma tempestade que ele não criou nem domou, mas uma profunda mudança na evolução da economia, política e cultura francesas que, por fim, o levou a ser impiedosamente aos cães como ele havia lançado a Paris medieval aos “baratas” (demolidores). Durante esse processo, a cidade adquiriu uma aura de comunidade capitalista, tanto em suas infraestruturas físicas quanto administrativas que persiste até hoje.

²² Georges-Eugène Haussmann, *Mémoires du Baron Haussmann*, cit., v. 2, p. 200.

²³ Jeanne Gaillard, *Paris: la ville*, cit., p. 331-2.